

OLHOS D'ÁGUA: “É COMO SE O MEDO FOSSE UMA CORAGEM AO CONTRÁRIO”

Marlene de Souza Goes¹

Resenha de: EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

Olhos d'água, livro da autora negra Conceição Evaristo, composto por 15 contos, narra histórias de personagens geralmente negras e negros. As vivências se passam na maioria das vezes em bairros marginalizados socialmente, trazem reflexões sobre vida e morte e, brilhantemente, o último conto traça uma reflexão sobre o valor das vidas negras. Além disso, uma das temáticas exploradas pela obra é o ideário erótico, ao colocar em cena o corpo negro, objetificado, como geralmente é visto pela sociedade. Isso é notório ao observar a personagem Natalina, no conto *Quantos filhos Natalina teve?* Kimbá, no conto *Os amores de Kimbá* e Duzu, em *Duzu-Querença*.

O jeito peculiar de Evaristo narrar o cotidiano, tristezas, sofrimentos, pobreza, fome, exploração infantil, violências diversas é evidente nos contos. A forma singela e intensa de relatar a beleza e a força da mulher negra, bem como seu poder de contornar desafios, nos prende à leitura e nos faz repensar o lugar da pessoa negra, principalmente das mulheres, na sociedade. Mulheres essas, que sabem transformar medo em coragem para vencer opressões, obstáculos, como claramente vemos em *A gente combinamos de não morrer* quando Bica expõe sua coragem de mãe e mulher: “Se ao menos o medo me fizesse recuar, pelo contrário, avanço mais e mais na mesma proporção desse medo. É como se o medo fosse uma coragem ao contrário. Medo, coragem, medo, coragemedo, coragemedo de dor e pânico.” (EVARISTO, 2016, p. 62); e é dessa forma que a obra aborda toda a luta e resistência, não só da mulher, mas de todo o povo negro.

¹ Graduada em Letras: habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Estadual da Bahia, especialista em Redação e Oratória (Faculdade São Luiz) e pós-graduanda em Mídias na Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste Baiano. E-mail: marlenegoes566@gmail.com.

Logo no início, o conto *Olhos d'água* toca profundamente a leitora e o leitor com os questionamentos levantados pela personagem principal ao relatar seus sofrimentos e a perpetuação de misérias e angústias no histórico das mulheres da família. Mulheres essas, negras, e que o conto abre espaço, mesmo em meio a tantas dificuldades, para exaltar sua beleza: “uma cabeleira crespa e bela” (EVARISTO, 2016, p. 11); e dessa forma a obra constrói novas narrativas para personagens negras, valorizando um povo historicamente marginalizado, seja na sociedade, seja na literatura.

De modo geral, as histórias retratam profundas desigualdades sociais e opressões vivenciadas pela população negra, mas também protagonizam histórias de valorização da cultura afro-brasileira. Em *Ana Davenga*, para além do cenário de favela, o conto enaltece, por exemplo, a roda de samba. O livro também põe em cena a exuberância negra, como vemos em *Os amores de Kimbá*: “Gustavo falou que ia apresentá-la a um **negro lindo**” (EVARISTO, 2016, p. 57). Também no conto *Duzu-Querença* ressalta-se o poder dessa beleza:

Ela gostava deste tempo. Alegrava-se tanto! Era o carnaval. E já havia até imaginado a roupa para o desfile da escola. Ela viria na ala das baianas. Estava fazendo uma fantasia linda. Catava papéis brilhantes e costurava pacientemente em seu vestido esmolambado. Um companheiro mendigo havia-lhe dito que sua roupa, assim tão enfeitada de papéis recortados em forma de estrelas, **mais parecia roupa de fada do que de baiana. Duzu reagiu. Quem disse que estrela era só para as fadas! Estrela era para ela, Duzu.** (EVARISTO, 2016, p. 22-23. Grifo meu)

Essas passagens ilustram a construção de novos olhares em relação à pessoa negra que, na grande maioria das vezes, aos olhos dos discursos racistas, são reduzidas a figuras não belas, incapazes e/ou inferiores.

Escrita essencialmente poética, o livro revela grande talento no manejo com as letras. Evaristo se vale de belíssimos jogos de palavras ao brincar, por exemplo, com a aproximação de termos antônimos (“entranha e desentranha, encontro e desencontro, fazer e desfazer”), provocando uma (des)arrumação das reflexões da leitora e do leitor no que concerne, principalmente, à humanização da pessoa negra, historicamente despida de humanidade na literatura brasileira, a exemplo de “Bertoleza, sempre animalizada no interior da narrativa e

que morre focinhando, [...] personagem da obra *O cortiço* (1980), de Aloísio de Azevedo”. (EVARISTO, 2009, p. 24)

Ainda nesses jogos de palavras, a escritora cria vocábulos que enriquecem e ampliam os sentidos e imagens poéticas, como: “gozo-prato”, “vermelho-sangue”, “viver-morrer”, “menina-mãe”, “mãos-coração”, “flor-criança”, “dedos-desejos”, “ave-mãe”, “corpos-histórias”, “ovos-vida”, “coragem-desespero”, “peito-coração”, “vida-estrada”, “útero-alma”, entre tantos outros. Outra característica marcante em sua escrita e que enobrece a obra, é o uso de diversas figuras de linguagem, como as seguintes aliterações presentes no decorrer dos contos: “guardou e aguardou”, “respirou e aspirou”, “resto e arrasto...” Além disso há uma riqueza de metáforas, comparações, paradoxos, sinestésias, ironias, as quais enriquecem de forma singular a obra e provoca encanto e comoção no leitor.

As imagens e simbologias construídas fazem desse livro uma leitura essencial na literatura afro-brasileira. Há uma passagem no conto *A gente combinamos de não morrer* que revela exatamente o modo de expressar da autora nesses contos: “Escrever é uma maneira de sangrar. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito...” (EVARISTO, 2016, p. 68). E, nestes contos, Evaristo “sangra” mesmo! Expõe muitas dores, sofrimentos e consegue atingir nosso mais profundo íntimo trazendo uma realidade tão dura, feia e injusta de modo extremamente poético e realista revelando os dissabores e desrespeitos que a pessoa negra ainda enfrenta. Entretanto, ao lado dessa linguagem altamente poética, há também a linguagem despida de qualquer arrumação, palavreado cru, sem maquiagem, que promove enorme aproximação do leitor com sua vida real, expressões como “nuzinho”, “cu sujo”, entre outros exemplos.

Sentir as emoções, comoções e surpresas despertadas pelas narrativas de *Olhos d’água* é um privilégio. Sua leitura nos permite refletir sobre relações de alteridade para com a pessoa negra, o que evidencia um dos papéis da literatura: humanizar o leitor! As histórias que se passam em cada conto têm o poder de tocar sentimentos profundos, aproximar muitas leitoras e leitores das vivências das personagens, identificar-se com situações recorrentes no cotidiano que envolvem pessoas negras, mas também de nos causarem revolta e tristezas.

Ler *Olhos d’água* é se permitir sentir, emocionar, simpatizar, sofrer junto, repensar, enfim, é se permitir tornar-se uma nova pessoa, com novos olhares. Sem dúvidas, esta é uma

obra indispensável para quem gosta de bons textos literários, de envolver-se, emocionar-se e (re)pensar sobre a condição da pessoa negra na sociedade.

Conceição Evaristo é escritora, professora, pesquisadora em Literatura Comparada e ativista de movimentos sobre a valorização negra. Sua escrita funde história e ficção ao trazer para seus romances, poesias e contos memórias de sua vida e de seu povo. É assim que ela forja o termo “escrevivência”, a partir da ideia de que a escrita “é o pretensioso desejo de recuperar o vivido. A escrita pode eternizar o efêmero...” (EVARISTO, 2009). Deste modo, é possível perceber muito de sua história em seus escritos, como a miséria, trabalhos infantis e retratos de onde ela viveu sua infância e adolescência. É uma das mais importantes escritoras brasileiras, recebeu o Prêmio Jabuti em 2015, foi homenageada como Personalidade Literária do Ano pelo Prêmio Jabuti 2019 e, ademais, diversas de suas obras foram traduzidas para outros idiomas.

Referências

EVARISTO, Conceição. **Depoimento no I colóquio de Escritoras Mineiras**. Belo Horizonte, maio de 2009. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>, acesso em 28/10/2020.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.